



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 16

## Parecia simples

**Branca Vianna:** Este é o Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Nessa semana, a gente tem um par de histórias sobre tarefas que pareciam fáceis. Banais. Simples. Só que, e isso você já deve estar adivinhando, não era bem assim. E nesse “não era bem assim” tem todo um mundo.

No primeiro ato de hoje, a gente vai falar de um caso em que a gente pensa: "bom, pra resolver um problema, é só aplicar as regras". E essa história sobre regras começa num momento meio sem regras.

---

### ATO1

**Branca Vianna:** Chegou uma certa hora da pandemia em que todo mundo começou a perceber que esse período ia mudar a vida da gente pra sempre. Ia mudar o jeito que a gente trabalha, o jeito que a gente mora, o jeito que a gente se relaciona. Teve gente que surtou, e teve gente que viu nisso tudo uma oportunidade. Ou várias.

**Rodrigo Cassis:** Falei assim: se tem algum tempo de mudar a vida, de sacudir tudo, é a pandemia. Eu queria estudar trombone e esperanto e fazer um curso de Python, umas coisas, sabe?

**Branca Vianna:** Um curso de quê?

**Rodrigo Cassis:** Um curso de Python, é uma linguagem de programação fácil. Enfim, abrir horizontes.

**Branca Vianna:** Esse é o Rodrigo.

**Rodrigo Cassis:** Eu sou Rodrigo Cassis. Pesquisador e escritor. Eu trabalhei muitos anos como pesquisador lá na TV Globo, um pesquisador generalista, mas fazia muita coisa para o jornalismo, Roberto D'Ávila, Miriam Leitão, alimentava lá o que viraria as entrevistas deles, com o relatório prévio. E aí resolvi largar tudo na pandemia.

**Branca Vianna:** O Rodrigo ia largar essa vida de pesquisador pra aprender a tocar trombone. Ou pra dominar uma linguagem de programação. Mas acho que tá todo mundo cansado de saber que o jeito que a gente achou que a gente ia passar a pandemia e o jeito que a gente efetivamente passou a pandemia são duas coisas bem diferentes.

No caso do Rodrigo, o que sabotou o Python e o trombone foi uma pesquisa que ele começou em 2020, ainda na Globo. Pra subsidiar um programa da emissora, ele ficou três meses pesquisando o Bolsonaro. E convenhamos que três meses é tempo suficiente pra você encher o saco de um assunto, ainda mais um tema tão desagradável. Mas não foi isso que aconteceu.

**Rodrigo Cassis:** Como tem coisa desse cara! Eu tenho a impressão que, de alguma maneira, como ele foi essa pessoa que estava sempre na paisagem, mas nunca foi importante, a gente sempre tem a impressão que a gente

conhecia, porque ele sempre esteve ali. E aí quando você vai mais no detalhe eram camadas e mais camadas e mais camadas.

**Branca Vianna:** O resultado foi que, depois de três meses, o Rodrigo não queria largar o osso.

**Rodrigo Cassis:** E aí comecei com a ideia de escrever um livro em seis meses e aí a coisa foi.

**Branca Vianna:** Ele ia puxando um fio, depois outro.

**Rodrigo Cassis:** Eu basicamente fiz um mapeamento dos absurdos que ele falava, que eram conhecidos na época já, e falei: “Pô, ele fala um monte de coisas sobre tortura. Ele falou de coisas sobre golpe militar, fala sobre morte, ele fala sobre homofobia” – e criei um mapeamento, falei: “Cada um dá um capítulo, e eu faço um livro a respeito e tal”. E aí em cada um desses assuntos ia desencavando mais coisa, mais coisa, às vezes, que era um capítulo já tinha 100 páginas.

**Branca Vianna:** E quando ele foi ver já era 2022. Ele passou praticamente a pandemia toda assim.

**Rodrigo Cassis:** Fiz isso durante a pandemia. Lidando todo dia, o dia inteiro com Bolsonaro. Então, eu queria colocar no mundo canções bonitas, mas o que eu tô colocando é isso aí.

**Branca Vianna:** O que Rodrigo colocou no mundo é um projeto multimídia, que tá no Instagram, no YouTube, no TikTok, e chama “Com que moral vão me cassar aqui”. Ou, nas redes, só “Com que moral”. E esse é também o nome do projeto de livros dele.

**Rodrigo Cassis:** “Com que moral vão me cassar aqui”. São cinco livros, um já publicado, outros praticamente terminados, outros não terminados.

**Branca Vianna:** Os livros são esse catálogo dos absurdos que o Rodrigo foi levantando – e o que os absurdos dizem sobre o Bolsonaro, sobre a sociedade brasileira, e sobre os sistemas e instituições envolvidos. Já os vídeos que o Rodrigo foi botando nas redes durante o período eleitoral são mais armas de guerra.

**Rodrigo Cassis:** Ele esconde desde que resolveu se candidatar a presidente. Mas ao longo da vida, a principal ideia de Bolsonaro para tratar do problema da pobreza não era auxílio, era criar políticas para que menos pobres nascessem.

**Jair Bolsonaro:** Só o controle de natalidade pode nos salvar do caos.

**Rodrigo Cassis:** Mais mulheres humildes esterilizadas por ligadura de trompas é o que ele chama de “seu sonho na política”.

**Branca Vianna:** São vídeos curtos, bem dinâmicos, bem didáticos, mostrando meio que os highlights – ou os “lowlights” – dos absurdos bolsonaristas de todos os tempos. É bem aquele tipo de vídeo que você manda praquele bolsonarista que ainda teima na sua vida, pra falar: “é esse cara que você tá apoiando?” Aliás, depois que eu conheci esse projeto do Rodrigo, eu fiz exatamente isso outro dia.

**Rodrigo Cassis:** Bolsonaro coloca muita coisa que está ruim nesse país na conta das mulheres que foram trabalhar fora.

**Jair Bolsonaro:** Você pode ver, no meu tempo de garoto, já a mulher ficava em casa.

**Branca Vianna:** Mas eu quis sentar com o Rodrigo agora, passadas as eleições, passado o governo Bolsonaro, pra revisitar uma história muito reveladora do passado. Que continua relevante hoje porque tem a ver com uma semente que o Bolsonaro plantou.

**Rodrigo Cassis:** Bom, essa é uma história sobre Jair Bolsonaro, sobre golpismo e um tanto sobre impunidade.

**Branca Vianna:** Pra entender essa história, a gente tem que entender uma questão fundamental: o direito que cada deputado ou deputada tem de falar livremente na tribuna.

**Rodrigo Cassis:** A punição de um deputado, ela é complexa, porque o que se espera de um deputado é que ele tenha garantias para emitir opiniões que estão relacionadas ao que a base eleitoral dele pensa, e essas opiniões sejam colocados numa espécie de mercado de ideias, que é a Câmara, o que cada um traz representa um pedacinho da sociedade. E ali, a partir do diálogo, a gente vai chegar às melhores soluções. Essa é uma visão iluminista do que se passa na Câmara.

**Branca Vianna:** A rigor, é pra isso que serve uma imunidade parlamentar. Não é para livrar o cara de crimes que ele cometeu. É para ele ter a liberdade de defender as ideias dos seus eleitores.

**Rodrigo Cassis:** Exatamente. Se Bolsonaro corrompe ou não essa ideia da imunidade parlamentar... Isso está consagrado na Constituição. É um artigo constitucional. O artigo 53.

**Branca Vianna:** O artigo 53 diz o seguinte – abre aspas: "Os Deputados e Senadores são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos." Fecha aspas.

**Rodrigo Cassis:** Ele garante liberdade de opinião e votos para os parlamentares, justamente pra eles poderem fazer esse tipo de representação. E a sociedade, de maneira plural, está representada ali. Existe de outra maneira a ideia de que os deputados têm que manter o decoro parlamentar e, se não me engano, está no artigo 55.

**Branca Vianna:** Vou ler aqui o artigo 55 – abre aspas: "Perderá o mandato o Deputado ou Senador cujo procedimento for declarado incompatível com o decoro parlamentar." Fecha aspas.

**Rodrigo Cassis:** Então o que é o decoro parlamentar? Quando ele xinga alguém, ele está evadindo esse decoro parlamentar? Então você tem essa tensão entre a amplíssima liberdade que se deseja que os parlamentares tenham, mas que eles mantenham, ao mesmo tempo, uma figura que nem existe legalmente para nós, cidadãos. Eu não tenho exatamente que manter o decoro parlamentar. Não há decoro cívico, por exemplo. A própria Câmara tem um mecanismo de autocorreção. No começo era mal regulado. Em 2001, você tem o Código de Ética, que em tese regulamentaria um pouquinho melhor o que é esse decoro parlamentar, mas não resolve as questões.

**Branca Vianna:** Até 2001 não havia Código de Ética.

**Rodrigo Cassis:** Não havia Código de Ética. Eles vão tentando melhorar isso, sempre acho que focando mais em casos de corrupção, que é a grande demanda popular.

**Branca Vianna:** A partir de 2001, a gente tem o Código de Ética e o Conselho de Ética, que julga os casos que chegam até ele baseados no código.

**Rodrigo Cassis:** E é basicamente: alguém apresenta uma queixa, posso ser eu e você, a gente escreve, vai cair na mesa da Câmara dos Deputados. Mas talvez pare lá. Agora se é um partido que assina, na legislação de hoje, se é um partido que aceita isso já vai direto para o Conselho de Ética. Aí no Conselho de Ética se designa um relator que vai estudar o caso tal e vai dizer: "Olha, eu estudei, eu sou a favor da cassação, sou a favor da suspensão, da censura verbal ou de qualquer tipo" – ou da não cassação, ou da não punição, que é o que geralmente acontece. O Conselho de Ética é tido como uma esfera de impunidade.

**Branca Vianna:** A grande maioria dos deputados cassados desde a virada do século sofreu esse castigo por corrupção ou por crimes mais graves. Não por falar alguma coisa inconstitucional. E não é à toa.

**Rodrigo Cassis:** É como se os deputados talvez protegessem uns aos outros o que também interesse. Se eu tô limitando o direito do Bolsonaro falar determinadas coisas, pode se voltar contra mim. É um problema mundial isso. Existem conselhos de ética em diversos países, em diferentes formatos, e regular esse tipo de atividade é um problema da democracia constitutiva mesmo.

**Branca Vianna:** Um problema mundial, constitutivo. Uma questão constitucional delicada. E aí a gente joga, no meio desse caldo, um jovem capitão.

**Rodrigo Cassis:** Esse Bolsonaro lá do começo, ele era outra pessoa, ele entra na política em 88. Ele era sempre o capitão do exército, conhecido por um plano para explodir bombas, o “Rambonaro” e tal. Mas, quando chega na política, ele chega mansinho.

**Branca Vianna:** Rambonaro?

**Rodrigo Cassis:** Rambonaro.

**Branca Vianna:** Eu nunca tinha ouvido Rambonaro, que horror.

**Rodrigo Cassis:** E ele chega na política em 88, vamos dizer, pianinho. O Bolsonaro de 88, você pega entrevistas dele, ele está dizendo: “Eu não sei se 64 foi bom ou ruim para o país”. Ele está dizendo: “Brizola pode ser uma solução para o Brasil”. Eles chegaram a sonhar com uma chapa que unisse Brizola e João Figueiredo.

**Branca Vianna:** João Figueiredo, o general?

**Rodrigo Cassis:** João Figueiredo, o último dos presidentes militares. É como se ele quisesse passar uma mensagem. É curioso, mas como se fizesse passar uma mensagem de anistia, “vamos virar essa página”. Estamos unindo os civis militares à esquerda e à direita. Inclusive, ele dizia: “Não sou nem de esquerda, nem de direita. Sou do direito”.

**Branca Vianna:** Meio difícil de imaginar isso hoje, né? Em boa medida por causa do caminho que a carreira dele foi seguindo. O “Rambonaro pianinho” foi aumentando a temperatura aos poucos. Uma invasão ao departamento de pessoal da Câmara dos Vereadores, um xingamento direcionado ao Ministro das Forças Armadas, uma tentativa de organizar passeatas com mulheres de militares. E ele foi subindo o tom também na tribuna. De um jeito que começa a esticar ainda mais a corda entre o artigo 53 – o da liberdade – e o artigo 55 – o do decoro.

**Rodrigo Cassis:** E o Bolsonaro, ele passa a ter a ideia de que essa liberdade dele poderia ser usada para qualquer coisa, para falar a favor da tortura, para falar a favor do fechamento do Congresso. Ao longo dos anos é mais de uma centena de discursos que ele faz algum tipo de ameaça à democracia, em geral no fim do discurso, como se ele quisesse deixar uma tensão no ar. É o efeito dramático dele no fim do discurso: “Ó, os militares podem voltar”.

**Branca Vianna:** “Ó, os militares podem voltar”. Uma ameaça bem clara, bem objetiva, né? Mas em muitos casos, ele transmitia essa mensagem numa zona mais cinzenta.

**Rodrigo Cassis:** Mas esses discursos do Bolsonaro, que também ficam ameaçadores na tribuna, eles têm um pouco essa dupla condição: a pessoa está incitando, está fazendo alguma coisa, ou tá só falando uma opinião? O Bolsonaro se comportava nesses primeiros anos como alguém que reportava o clima dentro da caserna. Então era do tipo: “Eu estou aqui falando para vocês como está a situação lá. Lá é uma panela de pressão e a qualquer momento vai explodir”. Então tinha uma medida de ameaça, medo da queda do regime, mas ao mesmo tempo o Bolsonaro não



necessariamente falava: "Eu estou incitando". Às vezes falava. E essa diferença nem sempre é observada na Câmara.

**Branca Vianna:** Aí a gente chega no ano de 1993.

**Rodrigo Cassis:** Quando chega 93, o Bolsonaro tá... É um caso que eu considero uma encruzilhada histórica nesse sentido.

**Branca Vianna:** Em 93, o Bolsonaro estava fazendo uma "turnê nacional", dando palestras em várias cidades país afora. Ele tinha o objetivo declarado de criar uma base no Congresso que fosse de candidatos militares – e ele ia ser o líder dessa bancada, claro. Aí, em Salvador, ele fez um daqueles comentários "polêmicos" dele, que a gente cansou de ouvir:

**Rodrigo Cassis:** Ele fala: "Pelo Brasil, eu faria tudo, até dar um tiro na cara de um ministro corrupto".

**Branca Vianna:** Isso não deu em muita coisa. Provavelmente porque ele não tinha citado nenhum ministro nominalmente, e ninguém queria acusar o golpe e se auto-identificar como corrupto.

**Rodrigo Cassis:** O caso vai pegar quando ele vai em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

**Branca Vianna:** Em Santa Maria, o Bolsonaro não ameaçou um ministro hipotético. Ele ameaçou o regime democrático.

**Rodrigo Cassis:** Ele fala claramente em dar fim a isso que ele chama de "democracia irresponsável" que a gente tá vivendo, a "esse tipo de democracia", como se houvesse outro. Fala no congelamento do Congresso e um curto período de exceção de seis meses, em que os militares assumiriam, e poderiam revogar leis, criar novas, colocar a casa em ordem e devolver o

poder em seis meses. A gente, que não é bobo nem nada, entende o que acontece com isso. Eles ficam 20 anos.

**Branca Vianna:** É um clássico isso.

**Rodrigo Cassis:** As pessoas vão para os calabouços, torturados e tudo mais que pode acontecer. E essa fala dele, em Santa Maria, é um escândalo nacional, que sai na imprensa e também local, porque ele vira persona non grata em Santa Maria.

**Branca Vianna:** Aliás, Bolsonaro até voltou pra Santa Maria um quarto de um século depois mas, oficialmente, ele continua persona non grata na cidade. Mas, bom, voltando pra 93. Depois de ter jogado esse rojão verbal, o Bolsonaro vai pra Brasília. O bicho tá pegando nos jornais. Normalmente, no "modus operandi" das polêmicas do Bolsonaro, essa é a hora em que ele manda um "não foi isso o que eu disse".

**Rodrigo Cassis:** Ele volta pra Brasília. Acho que é dia 24 de junho de 93.

**Wilson Campos:** Concedo a palavra ao deputado Jair Bolsonaro.

**Rodrigo Cassis:** E ele fala: "Eu não desminto e não me arrependo de nada o que está publicado na imprensa."

**Jair Bolsonaro:** Então sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que esse Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, o que, no meu entender, está muito próximo.

**Rodrigo Cassis:** Que se o Congresso desse mais um passo para o abismo – ele não fala o que seria esse passo – ele seria a favor de instauração de um regime de exceção.

**Jair Bolsonaro:** Como disse lá, não existe golpe, não existe Fujimorização ou sequer regime de exceção sem que haja a falência do Legislativo. E nós estamos à beira da falência.

**Branca Vianna:** Quando ele fala de falência do Congresso, ele quer dizer a falência financeira ou a falência moral?

**Rodrigo Cassis:** Falência moral. A premissa dele era sempre a crítica a isso que ele chamava de democracia irresponsável, que não estava resolvendo os grandes problemas da nação, que ele fala de uma maneira como se fosse resolver aquilo no braço.

**Jair Bolsonaro:** Eu tô pronto pra resolver o problema aqui de quaisquer meios.

**Rodrigo Cassis:** Tem um deputado lá que tenta intervir no discurso.

**Wilson Campos:** Vossa Excelência.

**Jair Bolsonaro:** Se eu der um soco no deputado aqui.

**Wilson Campos:** Deputado Jair Bolsonaro!

**Rodrigo Cassis:** E bom, o escândalo vira nacional. Aparece nas páginas dos jornais. E eu entendo muito que— ele é menos tratado que, por exemplo, esse caso de 99 dessa entrevista na Band, com fundo laranja clássico, com as falas — “ah, daria golpe no mesmo dia, a gente tem que partir pra guerra civil aqui dentro, matar os 30 mil e Fernando Henrique” e tal. É um caso mais famoso, e entendo que um dos elementos é ter a imagem tão crua ali na nossa frente.

**Branca Vianna:** Nesse caso, a gente não tem a imagem. Mas a gente tem, sim, o Bolsonaro falando no microfone, em alto e bom som, sobre como ele apoia uma ditadura que pode vir de uma hora pra outra.

**Rodrigo Cassis:** Imediatamente vem um ímpeto de suspender, cassar, prender Bolsonaro, punir de alguma maneira.

**Branca Vianna:** Lembrando que a gente tá em 93, e o Código de Ética só vai ser estabelecido lá pra 2001. Então, naquela altura, não tinha como mandar uma queixa pro Conselho de Ética porque não tinha Conselho de Ética. Mas ficou claro ali, pra muita gente, que ele tinha ido longe demais. Que ele tinha feito uma coisa inaceitável.

**Rodrigo Cassis:** Esse ímpeto nasce ali, da Mesa Diretora da Câmara com Inocêncio Oliveira, que é um deputado das antigas, pernambucano, veio do ARENA, foi constituinte, enfim, é o cara que em 93, especificamente, estava enrolado com uma história de uns poços artesianos que ele teria usado uma empresa pública para furar na propriedade dele, se aquilo era irregular ou não. Mas, enfim, ele dá uma frase que que consta em primeira página de jornal que eu acho muito forte: “É preciso cortar o mal pela raiz”. Eu acho forte porque a gente, olhando de hoje, sobretudo. A gente tá falando de 1993, a gente tá em 2023, ano da intentona, assim tem sido chamada, de Bolsonaro lá em Brasília.

**Branca Vianna:** Era a raiz mesmo, né.

**Rodrigo Cassis:** Era a raiz.

**Branca Vianna:** Eu nunca achei que eu fosse concordar com Inocêncio Oliveira, mas, sim.

**Rodrigo Cassis:** Ironia, porque o Inocêncio é essa figura, mas ele fala: “É preciso cortar o mal pela raiz” – e ordena que isso aconteça a partir da Mesa Diretora.

**Branca Vianna:** Dali, a denúncia passou pro corregedor da Câmara, que começou a avaliar a possibilidade de uma punição.

**Rodrigo Cassis:** E aí não é uma punição de cassação. Os documentos dizem que é uma ação de suspensão do Bolsonaro, que já é diferente, desceu um grauzinho. Mas ao mesmo tempo ele entra na PGR, na Procuradoria Geral da República, para que o Bolsonaro fosse processado pela famigerada Lei de Segurança Nacional nos artigos 2 e 3, por estar conspirando ali contra as instituições – o que implicaria um crime inafiançável e imprescritível. Quer dizer, Bolsonaro preso por dizer essas coisas.

**Branca Vianna:** Nesse caso, a prisão seria para conter o que parecia uma ameaça séria, ali, em 93, menos de uma década depois da redemocratização.

**Rodrigo Cassis:** E o grande temor é que esse discurso do Bolsonaro em Santa Maria e na Câmara depois se alastrasse pelos meios militares. E o Bolsonaro recebe de fato apoio por esse discurso. Ele recebe visitas de militares lá no gabinete dele, recebe cartas, manifestos de organizações militares favoráveis, civis publicando carta dos leitores a favor do Bolsonaro. O próprio Bolsonaro dizia: “Se eu for suspenso, a minha reeleição está garantida”.

**Branca Vianna:** Ao mesmo tempo, ele partiu para um contra-ataque. Dizendo que ele só tava sendo visado porque tava denunciando corrupção dentro da Câmara.

**Rodrigo Cassis:** “Oh, estão querendo me cassar porque eu estou denunciando um vale dentista” – um plano odontológico caríssimo que os deputados têm, e que gerou, de fato, muita insatisfação popular. Parece que o Ceará tinha uma campanha bastante singela: “Quebra os dentes do seu

deputado”. Então, Bolsonaro joga isso no colo do Adylson Motta que é o, que é o vice-presidente da Câmara e tal. E dali a uma semana ele vai subir à tribuna bastante humilde para pedir desculpas. Mas desculpas não por pedir o fechamento do regime, por falar contra a democracia – desculpas pro Adylson Motta, a quem ele tinha acusado desse plano odontológico.

**Branca Vianna:** Foi um primeiro movimento de morde e assopra. Ele botou um bode na sala do vice-presidente da Câmara, tirou o bode, e esperou a temperatura baixar.

**Rodrigo Cassis:** Setembro, saiu a notícia que o relator que recebeu o pedido de cassação do Vital do Rêgo. Ele já está achando que ele é a favor do arquivamento dessa denúncia. Ele fala: “Olha, ele falou na condicional, se der mais um passo para o abismo...” E ele fala também: “Ó, isso aí não é mais forte que esse baixíssimo nível que a gente vê na Câmara todo dia, e o pessoal se ofendendo”.

**Branca Vianna:** E foi nesse contexto – com as falas antidemocráticas dele sendo relativizadas – que o Bolsonaro fez outra jogada.

**Rodrigo Cassis:** Esse mesmo mês de setembro, Bolsonaro ainda não foi julgado, aparece uma imensa oportunidade de Bolsonaro virar o jogo e é isso que ele vai fazer. Jair Bolsonaro e Álvaro Dias, outro dos candidatos a deputado à presidência em 2018. Eles dois juntos, fazem denúncias de que um partido, o PSD, que não é esse PSD de hoje do Kassab, estava comprando o passe de deputados a peso de dólar. E aí Bolsonaro, rapidamente, passa da posição de acusado para acusador de colegas, é a grande virada dele.

Chega a votação. A aceitação desse relatório é esmagadora: é 29 a 3. Vinte e nove que ele não deveria sofrer punição nenhuma, arquivada a denúncia, e três que achavam que deveria acontecer alguma punição. É um resultado que eu entendo que vai criar uma certa jurisprudência para o futuro. É possível falar contra a democracia escudado na Constituição.

**Branca Vianna:** O Rodrigo esclareceu que aqui "Jurisprudência" é entre aspas, porque não teve nenhuma decisão no tribunal. O que o Bolsonaro criou foi um precedente.

**Rodrigo Cassis:** Ele volta à tribuna diversas vezes para comemorar esse dia triunfante, comemorando esse pronunciamento dele lá de junho com a história, por exemplo, com os anões do orçamento. Ele fala: "Eu avisei, o Congresso está desmoralizado". Daqui a um ano, lá em 94, ele vai fazer um discurso celebrando, também, o aniversário desse discurso dele, que ele tinha ganhado o direito de fazer.

**Branca Vianna:** E esse caso não rendeu só dividendos em termos da liberdade dele na tribuna. Ele tinha dito que, se ele fosse suspenso, com certeza ele seria reeleito. Bom, ele não foi suspenso. E aí chegou a eleição de 94.

**Rodrigo Cassis:** E aumenta a votação dele em 700%, mais de 700%. Ele tinha uma votação ali de 17 mil, e ele alcança um patamar que é mais ou menos acima de 100 mil, que é mais ou menos que ele vai ter a carreira toda.

**Branca Vianna:** Nossa.

**Rodrigo Cassis:** Só vai mudar isso quando, lá na década de 2010, ele entender que homofobia, LGBTQIA+ fobia pode ser um trampolim político.

**Branca Vianna:** Quer dizer: ele não foi castigado, os votos dele aumentaram, e ele estabeleceu esse precedente.

**Branca Vianna:** Então agora, hoje em dia, por causa disso, todo mundo pode falar qualquer coisa e praticamente só o Daniel Silveira que...

**Rodrigo Cassis:** Isso que – em teoria não, mas em teoria sim, também, porque quando é decidido pela Câmara, por exemplo, Daniel Silveira foi cassado pelo Supremo, a Câmara não decidiu, até teve um requerimento lá na Mesa Diretora e tal, mas entendo que foi via STF.

**Branca Vianna:** Eu perguntei pro Rodrigo se ele achava que era o caso de fazer alguma reforma do Código de Ética, ou do Conselho de Ética. Mas ele disse que o problema não são as regras, o problema é como elas são usadas.

**Rodrigo Cassis:** As regras estão lá, mas depende de quem interpreta.

**Branca Vianna:** Depende de quem interpreta. E depende do contexto, sempre. O que o Rodrigo me contou é que – nas palavras dele – “O Bolsonaro se valeu de uma fragilidade moral do Congresso para sobreviver”. E o Rodrigo foi desenhando essa fragilidade moral pra mim. Indo por partes:

A gente já tinha falado que o Inocêncio Oliveira – aquele que falou em cortar o mal pela raiz – estava sendo acusado de usar uma empresa pública pra fazer poço nas propriedades dele.

Daí tinha o vice-presidente da Câmara, o Adylson Motta, que estava sendo acusado de mau uso de verbas públicas em prol dos dentes dos congressistas. Daí o caso do Bolsonaro passou pro corregedor, o Vital do Rêgo – que estava sendo acusado de ter negociado o voto dele no impeachment do Collor, que, por sua vez, estava sujo – entre muitos outros motivos – porque ele tinha inocentado o Inocêncio no negócio lá dos poços. E aí, em cima disso, veio a denúncia do esquema do PSD.

Nesse contexto absolutamente caótico, os golpismos do Bolsonaro eram relativizados, relevados, jogados pro lado. E isso se repetiu tantas vezes que... Bom, deu no que deu. Então, pro Rodrigo, a questão não é reformar os órgãos de controle, necessariamente. O que ele tá tentando fazer é dar as bases pra que a gente possa entender melhor o que aconteceu, como a gente chegou onde a gente chegou, e



conseguir separar o joio do trigo – onde o joio são acusações comezinhas de corrupção, e o trigo são ameaças reais ao sistema democrático.

**Rodrigo Cassis:** Então era subsidiar uma discussão de qualidade sobre como a democracia se protege de pessoas que ameaçam e seguirão ameaçando.

**Branca Vianna:** Como se protege, ou como não se protege, quais são os flancos que tão abertos.

**Rodrigo Cassis:** Como não se protegeu, e deu nisso. Não é à toa que passou durante quatro anos, Bolsonaro tentou golpes, falou com pessoas a respeito. Não aconteceu porque não tem força política, o contexto não permite. Mas só o fato da gente parar quatro anos e ficar discutindo vai ter golpe, não vai ter golpe isso já é uma derrota em si. A gente tem que estar num momento em que isso não esteja em pauta. Então é um pouco entender essa trajetória e olhar que isso deu no que deu. O velho "conhecer o passado para não repetir os erros".

---

**Branca Vianna:** O projeto do Rodrigo Cassis, de novo, se chama "Com que moral vão me cassar aqui?". Dá pra achar em todas as redes sociais com o nome "Com que moral", e já dá pra baixar o primeiro livro da série dele.

No segundo ato do Rádio Novelo Apresenta, a Bárbara Rubira conta uma história que parecia mamão com açúcar. Ou limão com açúcar.

---

## ATO 2

**Bárbara Rubira:** Vamos começar com um quiz básico de mixologia: quais são os ingredientes necessários pra de fazer uma caipirinha? Limão. Bom, na verdade se faz caipirinha de qualquer fruta, né? Mas vamos ser puristas aqui. Limão. Açúcar.

Cachaça – se for caipirinha mesmo, e não caipiroska ou sakerinha, enfim. Limão.  
Açúcar. Cachaça. E...

**Leonardo Capeleto:** E gelo. A gente não consegue imaginar uma caipirinha sem gelo.

**Bárbara Rubira:** Esse é o Leonardo Capeleto. Ele é engenheiro ambiental, doutor em Ciência do Solo e pesquisador associado do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. O Instituto Mamirauá é uma Organização Social que atua principalmente na região do Médio Solimões, no Amazonas.

**Leonardo Capeleto:** E aí os pesquisadores do Mamirauá, eles vão até dentro da reserva de mesmo nome, a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. E lá tem uma pousada, que é a Pousada Uacari, que é o Uacari Lodge, que é uma pousada de base comunitária.

**Bárbara Rubira:** Lá nessa pousada rolam várias atividades de ecoturismo. Inclusive algumas palestras ministradas pelos pesquisadores do instituto. O Leonardo, por exemplo, já teve lá várias vezes pra falar do trabalho dele. E, numa dessas idas, ele presenciou uma cena curiosa.

**Leonardo Capeleto:** Uma certa feita, estava lá um monte de turistas de vários países, da Alemanha, da Espanha, e não me lembro de onde mais. E pediram uma caipirinha, uma simples caipirinha. E você sabe que o ingrediente básico de uma caipirinha é limão, açúcar, cachaça e gelo.

**Bárbara Rubira:** Só que tinha um problema. A pousada não tinha gelo.

**Leonardo Capeleto:** E aí, quando você pede uma caipirinha com gelo no meio da Amazônia, numa região super tropical e a pessoa te diz: "Lamento, não tem gelo" é um impacto muito grande pra quem vem de fora.

**Bárbara Rubira:** Não tinha gelo. Parece simples, né? Aqui em casa tem gelo. Eu mesma faço, naquelas forminhas de plástico, no meu freezer. É só pra mim, claro, mas se eu precisar de mais, por algum motivo, eu compro. Mas aí eu tô falando da minha casa, na região central da cidade de São Paulo. Lá na Pousada Uacari, num é tão simples assim.

Pensa comigo: pra fazer gelo, precisa basicamente de duas coisas: a primeira é água, lógico. E água por lá não falta. Mas, pra água virar gelo, precisa de energia. E é aí que a coisa complica.

**Leonardo Capeleto:** Então, a gente para pra pensar tudo que tá por trás de fazer um gelo chegar no meio da Amazônia. Uma região em que, basicamente não tem energia, na maior parte dos lugares.

**Bárbara Rubira:** Na Pousada Uacari tem energia elétrica. Afinal, eles precisam dela pra manter a pousada funcionando. Mas isso é um desafio enorme. Hoje, eu queria te contar a história por trás daquela caipirinha fracassada da Pousada Uacari. Não por causa da turista frustrada, não por causa da pousada. Mas pelo que esse pedido aparentemente simples — uma caipirinha com gelo, numa pousada amazônica — diz sobre a gente e sobre a energia elétrica no Brasil.

A Pousada, você deve imaginar, fica num lugar um tanto remoto. E esse é um dos principais atrativos de lá: poder está no meio da Floresta Amazônica. Para um turista chegar lá, o caminho é um só: de Manaus, pegar um voo de uma hora até Tefé, a maior cidade da região do Médio Solimões. E de Tefé, pegar um barco. Do porto de Tefé até a pousada, dá uma hora de lancha, mais ou menos. Nem parece tão longe, né? Pensando no tamanho da Floresta Amazônica e do próprio estado do Amazonas, que é a maior unidade da federação em termos de área.

**Luciana Cobra:** Então, é perto, mas não serve pra gente de nada, né, na questão sobre a energia.

**Bárbara Rubira:** Essa é a Luciana Cobra. Ela é turismóloga e trabalha na Pousada Uacari há 11 anos. Nos últimos 7, ela é gestora operacional da pousada. A geração de energia da pousada é totalmente autônoma.

**Luciana Cobra:** Totalmente fora do sistema de energia convencional, que é dado pela concessionária.

**Bárbara Rubira:** Totalmente fora do sistema de energia convencional. Na região amazônica, isso é muito comum. Várias cidades por lá não estão conectadas ao sistema interligado que abastece a maior parte do país. Aí existem os sistemas isolados. Eu vou falar disso mais pra frente. Mas é importante primeiro dizer que, no caso da pousada, o sistema de energia é mais isolado ainda. Eles estão off grid: desconectados de qualquer rede elétrica operada por concessionárias.

**Luciana Cobra:** Então a pousada Uacari, desde o início, ela investiu nesse sistema de energia solar.

**Bárbara Rubira:** Energia solar. Essa parte já não é tão comum.

**Luciana Cobra:** Então, a pousada começou há 20 anos atrás. Então, se hoje eu considero –, eu ainda não considero a questão do sistema de energia solar como uma tecnologia bem desenvolvida aqui no Brasil – há 20 anos atrás era menos ainda, né?

**Bárbara Rubira:** Em sistemas isolados, mesmo aqueles que tão no grid – conectados a uma rede elétrica local – a fonte de energia mais usada é a termelétrica, gerada a partir da queima de óleo diesel. Mas a pousada Uacari fica na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, lembra? É uma iniciativa de ecoturismo, que trabalha pela conservação da região. Vamos combinar que isso não orna muito com a queima de combustíveis fósseis. Então, desde o início das atividades da pousada, em 1998, eles usam energia solar, uma fonte renovável. Limpa.

**Luciana Cobra:** Mas sempre teve esse investimento na questão de sistema de energia solar e hoje a gente continua com isso. Só que é bastante desafiador – Eu não sou nenhuma especialista, tá? Então tô te falando da experiência que eu tenho na pousada. Então eu vejo que a tecnologia de energia solar aqui no Brasil, ela é muito ainda voltada para a questão da cidade.

**Bárbara Rubira:** É uma tecnologia ainda muito voltada para as cidades. Na Pousada Uacari, é muito mais difícil ter acesso a equipamentos e fornecedores pra manter o sistema funcionando do que seria pra quem vive numa grande metrópole, por exemplo.

**Luciana Cobra:** É muito difícil a gente conseguir achar fornecedor, fornecedores que consigam atender essa demanda e de forma satisfatória também. E tem uma outra coisa, que você não tem conserto, é muito raro você ter conserto. Isso sem contar o custo

**Bárbara Rubira:** O custo. É verdade que a tecnologia permitiu que a energia solar barateasse muito nos últimos anos. Comparado com a época da inauguração da pousada lá na década de 90, o cenário hoje é outro. Além de mais limpa, a energia fotovoltaica atualmente é muito competitiva também em termos de custo. Mas isso não quer dizer que seja barato, né?

**Luciana Cobra:** Eu acho que a única coisa que se tornou mais viável ao longo do tempo, dentro da tecnologia energia solar, eu acho que foi os painéis solares. O que é caro de sistema de energia solar: a bateria é cara...

**Bárbara Rubira:** O painel solar barateou, ótimo. Mas a bateria ainda é cara.

**Luciana Cobra:** Então, no início um grande desafio era porque as baterias, você não tinha uma bateria adequada para isso.

**Bárbara Rubira:** A Luciana estava falando que, por muito tempo, eles usavam uma bateria meio improvisada, tipo de carro mesmo.

**Luciana Cobra:** Baterias de carro para poder ser adaptada para essa tecnologia.

**Bárbara Rubira:** Era o que tinha, mas estava muito longe do ideal.

**Luciana Cobra:** E aí tinha um sistema de rodízio muito grande dessas baterias, então você tinha que trocar a cada mais ou menos dois anos.

**Bárbara Rubira:** Aí surgiu a oportunidade de mudar isso, ir pra uma bateria melhor, mais adequada e que prometia durar bem mais tempo.

**Luciana Cobra:** Chegou a ter uma experiência com uma empresa que era de tecnologia de bateria alemã e de lítio, que as baterias que antes eu tinha que trocar a cada dois anos, eu só ia trocar a cada dez. O investimento era maior, mas ao longo do tempo ele se pagava e tal, então o custo benefício era maravilhoso. E que, claro, não funcionou nem quatro anos de forma satisfatória. Então, isso é muito frustrante.

**Bárbara Rubira:** Um baita investimento, e não durou nem a metade do tempo que era pra durar. Complicado. Dá pra entender por que que não é todo mundo que prefere investir na energia renovável por lá.

**Luciana Cobra:** Então, assim, é muito desafiador essa questão de você conseguir achar profissionais, empresas e a tecnologia que seja realmente eficiente, assim, e viável também financeiramente e geograficamente, se eu posso dizer assim. Então tudo isso torna bem complicado assim.

**Bárbara Rubira:** A Pousada Uacari ainda tem um gerador — esse sim, movido a diesel —, pra segurar as pontas quando o sol fica um tempo sem aparecer. Então,

apesar de todos os percalços, o sistema de energia da pousada dá conta de manter a Uacari funcionando o ano todo. Mas com algumas limitações.

**Luciana Cobra:** A gente tem o freezer na pousada, que é alimentado pelo sistema de energia solar. Mas não é um freezer que tem essa capacidade de produzir gelo, né? Na verdade, pra capacidade, a gente precisa de ter inclusive mais dois freezers na pousada pra poder atender ali, o ideal.

**Bárbara Rubira:** A Luciana me contou que eles chegaram a cogitar comprar uma máquina de gelo pra pousada, que nem aquelas que abastecem vários comércios e lanchonetes. Mas o consumo de energia ia ser tão alto que eles iam precisar de uma estação solar praticamente só pra isso. Mais recentemente pintou um projeto que queria usar a Uacari como piloto pra uma máquina de gelo projetada especialmente pra funcionar com luz solar. Ia ser uma baita mão na roda, uma solução tremenda. Mas acabou não dando certo.

**Luciana Cobra:** Porque a gente usa o gelo não só para a questão das bebidas e etc. Mas a gente usa o gelo também pra conservação de alguns alimentos. Então, os alimentos que são comprados frescos e vão ser preparados ali, a gente também mantém isso no gelo e a gente não consegue produzir gelo nessa escala, então a gente precisa de comprar o gelo. Você tem ali uma cidade que fica entre a Pousada Uacari e Tefé, que é a cidade de Alvarães. Então a gente costuma ter cerca de duas a três viagens para Alvarães por semana, para poder fazer todo o transporte das pessoas, quanto para poder fazer a compra de gelo, de gelo, de peixe, etc. Então o gelo é comprado e às vezes é raro, mas acontece de simplesmente não ter gelo para vender.

**Bárbara Rubira:** Nem sempre tem gelo pra vender porque é claro que a Pousada Uacari não é o único cliente querendo comprar. Além de todo o comércio, restaurantes, etc, da região, as fábricas de gelo por lá também abastecem os pescadores do Médio Solimões. E a demanda deles por gelo é muito, muito alta. Eu conversei com um pescador de lá, o seu Pedro Canísio, que me contou que os

barcos geleiros que participam do manejo do pirarucu carregam em média de 16 a 20 toneladas de gelo. Não é pouca coisa não. Então é claro que às vezes não sobra.

**Luciana Cobra:** Se tiver um dia que a gente vai pra Alvarães e você não consegue achar gelo, não vai ter gelo na pousada. Então você não vai conseguir preparar a bebida, e a gente vai ter que repensar a questão do armazenamento daquele alimento. Provavelmente a gente vai ter que comprar uma quantidade menor, a gente vai ter que aumentar o número de viagens, aumentar o uso de gasolina também para poder ir até a cidade para poder comprar.

**Bárbara Rubira:** Ficar sem gelo aumenta o custo de tudo, e complica a logística da pousada. E complica também o atendimento que eles podem proporcionar aos hóspedes. Tipo não ter gelo pra caipirinha dos turistas gringos, que nem o Leonardo Capeleto contou pra gente que viu acontecer, lá no começo. Aquela história da caipirinha, é só uma anedota, claro. Eu confesso que a primeira coisa que eu pensei, quando soube dessa história, foi: que bobagem. Os caras estavam lá no meio da Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, tanta coisa pra ver, enfim. Faltar gelo pra caipirinha é o "detalhe do detalhe" e nada mais normal numa situação dessas, de tá numa região tão remota. Mas depois eu pensei: será que isso é normal? Será que faz sentido que seja assim?

**Larissa Rodrigues:** Na verdade, eu diria que é um cenário escandaloso.

**Bárbara Rubira:** Depois de conversar com a Luciana, eu marquei uma entrevista com a Larissa Rodrigues, gerente de portfólio do Instituto Escolhas. A Larissa é doutora em energia, foi por muito tempo pesquisadora do Instituto de Energia e Ambiente da USP. Eu contei tudo pra ela, desde a anedota da caipirinha, até as outras situações da pousada que a Luciana me relatou. E eu queria saber se, pra Larissa, uma especialista em energia, esse cenário parecia normal.

**Larissa Rodrigues:** Por exemplo, eu que estou em São Paulo, acabou o gelo em casa, você vai no supermercado, compra mais gelo e acabou. É uma coisa



muito simples. E a gente tá acostumado, assim, às vezes, falta luz, ah, no máximo algumas horas depois a luz reconecta, né? E cada vez isso acontece menos.

**Bárbara Rubira:** E quando acontece, a gente já liga, reclama, né?

**Larissa Rodrigues:** A gente reclama, exato, a gente manda mensagem no WhatsApp, manda mensagem no Instagram da companhia elétrica e resolve. Então pra gente, acho que a gente perde a noção de diferentes realidades que tem no país. Mas, assim, energia é uma coisa que deveria ser... é muito básico. É muito básico. Mas o eu acho que é mais escandaloso, né, quando você pensa nisso é que, como eu falei, acabou nosso gelo em casa, você vai no supermercado e compra. E na verdade, os estados aqui no Brasil, a gente usa a Amazônia meio como um supermercado também. Porque olha isso, a Amazônia, a região Norte, os estados da região Norte, eles geram mais ou menos 20, 21% de toda a energia do Brasil e só consomem 7%. Ou seja, os estados do Norte consomem um terço da energia que eles produzem. Ou seja, essa energia do Norte vem pra cá também, vem pro Sudeste e vem pras outras regiões. Então aí você vê como é escandaloso, porque a região Norte exporta energia para os outros estados e as pessoas que estão lá não têm acesso à energia, não têm acesso ao básico.

**Bárbara Rubira:** O Brasil usa a Amazônia como um supermercado. É fácil enxergar isso quando a gente pensa no modelo exploratório que sempre foi a base do olhar do restante do país pra região. E, com a energia, não é diferente.

**Larissa Rodrigues:** Mas, quando a gente vai olhar assim, o desenho das linhas de transmissão que levam energia para o Brasil todo, aqui no Sul, Sudeste, ela é um emaranhado, o mapa tá todo completamente conectado. Quando você vai olhar para a região Norte é um vazio. Então você vai ver no mapa assim: uma linha de transmissão chegando nas capitais. E nem são todas. Então você vê as linhas de transmissão chegando nessas capitais, ela chega em

Manaus, chega em Belém, mas para o interior não tem. Não tem. É um vazio de conexão.

**Bárbara Rubira:** Ouvindo a Larissa falar isso, eu me lembrei de uma coisa que eu ouvia muito nas entrevistas que a gente fez pro Tempo Quente – podcast que eu produzi aqui na Novelo. Quando a gente conversava com uma galera que foi pra Amazônia naquele boom de colonização no regime militar, eles falavam coisas do tipo: “Aqui não tinha nada”. Nas próprias propagandas da ditadura pra construção da Transamazônica, eles falavam da região como uma “terra sem homens”. Como se não tivesse nada nem ninguém vivendo ali.

E pensando agora nesse vazio de conexões das linhas de transmissão, nesse vazio de oferta de energia elétrica, me parece que essa visão não mudou muito. É claro que a densidade populacional da região Norte é muito menor que a do Sudeste, por exemplo. Mas isso significa que – pra além das capitais – não tem ninguém? E, se tem gente, será que essas pessoas não precisam de energia?

**Larissa Rodrigues:** E aí funciona muito nessas regiões o que são sistemas isolados.

**Bárbara Rubira:** Eu falei disso mais cedo, lembra? Que a Pousada Uacari, por exemplo, não é um sistema isolado, é um sistema off grid. Confuso, mas a Larissa vai explicar melhor.

**Larissa Rodrigues:** Então, no Brasil, hoje tem mais de 200 sistemas isolados. E eles são de fato assim, algumas usinas locais que vão atender a população local, às vezes até um bairro ou um pedaço de alguma cidade assim, bem onde tem concentração de gente, mas que não estão conectados a nenhuma parte do país. Então, assim, se dá um problema na usina, acabou. Todo mundo fica sem energia. Não tem backup, você não tem muito, não tem o que fazer.

**Bárbara Rubira:** A grande maioria desses sistemas isolados fica na Amazônia. Na verdade, desses mais de 200, só 3 não são na região Norte. Um é o de Fernando de

Noronha. Os outros dois ficam em Mato Grosso – dentro do que já é parte do bioma amazônico. Só que a Pousada Uacari, por exemplo, não entra nessa conta. A geração de energia lá – como em vários outros lugares na Amazônia – é off grid, totalmente fora do sistema. Quer dizer, tá isolada até dos sistemas isolados.

Mais cedo eu comentei que a pousada é ponto fora da curva também porque a geração de energia lá é de fonte solar. Nos sistemas isolados da região, em geral, não é assim:

**Larissa Rodrigues:** E o pior: e essas usinas são, a maioria, 90% delas funciona com óleo diesel. Então você tem vários problemas. Aí você tem um problema que é assim, óleo diesel: super poluente. Dois: é caríssimo. Três: nem sempre o óleo diesel chega. Não é que você fala: "Não tem o diesel aqui", resolveu. Não! Às vezes o óleo diesel não chega, às vezes você fica com as embarcações que não conseguem nem levar o diesel pra essas localidades. Ou seja, ele é problemático em vários, em vários sentidos. E quem paga esse diesel? Todo mundo. Não é só quem tá na região Norte, quem está no Sudeste também paga. E paga caro. Só pra ter uma ideia, todo mundo que tá em casa ter uma ideia, agora em 2023, tem uma estimativa oficial dos órgãos de energia elétrica que a gente vai pagar todo mundo, 12 bilhões de reais pra manter essas usinas funcionando.

**Bárbara Rubira:** Quer dizer, mesmo que você seja a pessoa mais negacionista possível sobre as mudanças climáticas e a questão ambiental, essa é uma conta que pesa no seu bolso também. Doze bilhões de reais em usinas a óleo diesel. Puxado, né? Isso, de novo, pra quem tá dentro desses 200 sistemas isolados registrados pela EPE.

**Larissa Rodrigues:** E só pra você ter uma ideia. Quando eu falei dos sistemas isolados, que já são, entre aspas, de certo modo "atendido", bem ou mal, tem algum atendimento, a gente tá falando de mais de 3 milhões de pessoas. Assim, não é meia dúzia de pessoas. São mais de 3 milhões de pessoas, fora as que nem nesse sistema estão.

**Bárbara Rubira:** Ou seja, 3 milhões de pessoas é até chutar baixo. E não é como se deixar elas isoladas estivesse saindo barato. Então por que elas tão isoladas? Se a gente tem esse sistema interligado que abastece boa parte do território nacional, por que elas ficam de fora? A primeira resposta que me vem à cabeça é a mais óbvia: certamente deve ter algum problema técnico, né?

**Larissa Rodrigues:** Não, não tem. Na verdade, falta o que? Falta ligar essas regiões. Então, por exemplo, em vez de a gente pagar 12 bilhões de reais pagando o diesel, com todos os problemas que isso traz, a gente poderia tá pagando a conexão desses lugares no sistema, porque aí, conectou na rede elétrica, a energia viaja pelo Brasil todo. Então, ou seja, essas pessoas têm um backup, essas pessoas vão usar energia mais limpa. Essas pessoas vão ter uma energia mais, muito mais barata. E pra gente também vai ser mais barato, porque a gente está arcando com isso. Então é uma situação que é melhor pra todo mundo.

**Bárbara Rubira:** Eu fiquei surpresa quando a Larissa falou isso. Porque a Amazônia é enorme. Pra mim, a razão mais simples por trás do problema era que as grandes distâncias geravam um impedimento técnico. Mas aí a Larissa falou uma coisa que fez todo o sentido pra mim.

**Larissa Rodrigues:** Geralmente quando a gente fala de energia e problemas de energia, de modo geral, o problema nunca é técnico. Nunca é tecnológico. Geralmente as pessoas falam: "Não, é uma questão técnica, é mais difícil". Não, não é. Tanto não é que o pessoal colocou uma linha de transmissão lá, saindo de Belo Monte de mais de 2 mil quilômetros, entendeu? Então, por que você consegue cortar 2 mil quilômetros para trazer energia para o Sudeste e não consegue fazer sei lá, os quilômetros que for na região Norte?

**Bárbara Rubira:** Tem linha de transmissão de mais de 2 mil quilômetros que leva energia de Belo Monte, no Pará, até Minas Gerais. A região Norte é responsável por cerca de 20% da energia do Brasil inteiro. A energia que é produzida nas grandes

hidrelétricas de lá viaja até muito longe. Mas daí não consegue chegar pra outras partes da própria Amazônia?

**Larissa Rodrigues:** Então o que acontece? Quando se olha o mapa de quem tá conectado, você vê a concentração no Sudeste, no Sul. Ou seja, onde de fato tem mais pessoas, mas onde tem um interesse econômico que faz com que essa conexão aconteça mais rápido. Tem programas que fazem isso. Por exemplo, como eu te falei, tem o programa Luz para Todos, o que o programa Luz para Todos fez? Quando o interesse privado fala: "Não quero atender essas pessoas", o programa Luz para Todos vai lá e fala: "Não, isso é, energia é um bem essencial, a gente precisa atender". Muitas conexões já foram feitas, agora ainda faltam muitas a serem feitas. Ou seja, esse é o tipo de programa que já existe e que mostra que é possível, mas que precisa ser ampliado. E tem outras coisas que poderiam funcionar muito bem e que, infelizmente, quem faz são as organizações da sociedade civil, as universidades. Esses programas, assim, experimentais, eles são muito bons porque eles mostram que é possível, mas você precisa dar escala nisso. Agora só precisava ter de fato um incentivo governamental. O governo federal mesmo e governo estadual de dar escala para isso, porque isso é mais barato do que pagar óleo diesel.

**Bárbara Rubira:** E quando a gente fala de energias renováveis, como a energia solar, não adianta também só implementar o sistema e fim de papo.

**Larissa Rodrigues:** Porque hoje, o que acontece, o pessoal vai lá, faz um projeto e vai embora. A gente sabe que isso acontece. E aí às vezes a placa para de funcionar e isso é horrível, porque aí a pessoa vai falar: "Tá vendo, essa energia não funciona", e não é verdade. Então, se você não tem assim uma rede, onde, por exemplo, tem uma pessoa mais perto, que já faz o atendimento de uma região, e já fica concentrado, porque isso barateia, né? Agora você precisa capacitar as pessoas, você tem que botar muitas placas, não pode ser uma pousada só, tem que ser várias pousadas, tem que ser vários comércios, enfim.

**Bárbara Rubira:** É preciso dar escala. Quanto mais gente conectada, e bem conectada, maior a demanda por assistência, por equipamentos.

**Larissa Rodrigues:** Na verdade, a gente tá criando lá o que tem aqui. Não é uma coisa assim, criar algo diferente, é o que já existe. Por isso que é tão maluco assim. Não é inventar a roda, não é inventar a roda.

**Bárbara Rubira:** O artigo 6º da Constituição diz assim – abre aspas: "São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados". Fecha aspas. Não menciona energia elétrica.

Até já rolou proposta de emenda pedindo pra acrescentar mais esse item, mas com o vai e vem dos textos, troca de legislatura e tudo mais, não vingou. Mas fica um paradoxo, né? Direito à moradia, ao trabalho, ao lazer, à segurança, à saúde. Eu não consigo imaginar nenhuma dessas coisas, nos dias de hoje, de forma plena, sem acesso à energia.

Toda essa história começou com falta de gelo na caipirinha numa pousada – o que pode parecer o suprasumo do desnecessário, do luxo. Mas na verdade – com o perdão do trocadilho – é só a ponta do iceberg pra quem vive nessa região. E outra: ter acesso pleno a energia, pra fazer o que quer que seja, não deveria ser direito deles também?

**Larissa Rodrigues:** E assim, cai aquela clássica pergunta: "Desenvolvimento pra quem?". E essa história que você contou: "Ah, não tenho gelo para caipirinha". Parece uma brincadeira, mas não é. Por que que a pessoa ali não pode ter um gelo na caipirinha, entendeu? Todo mundo pode ter. Todo mundo deveria ter acesso. Deveria ter garantido o acesso para o que quer que seja. Até essa discussão de falar: "A gente precisa dentro de coisas que

são essenciais do alimento". Não, isso não deveria ter discussão. A pessoa precisa de energia para ela fazer o que ela quiser, o que ela bem entender.

---

**Branca Vianna:** Essa foi a Bárbara Rubira, produtora da Rádio Novelo. E essa história foi produzida com o apoio do Instituto Escolhas, que desenvolve estudos e análises sobre temas relacionados ao desenvolvimento sustentável e desafios socioambientais.

Obrigada por ouvir o Rádio Novelo Apresenta. Se você tá gostando de acompanhar a gente, não esquece de seguir o Rádio Novelo Apresenta no seu aplicativo de podcast preferido. Se você puder avaliar a gente também, escrever uma resenha ou dar cinco estrelas, também ajuda a gente a chegar a cada vez mais ouvidos.

No nosso site, [radionovelo.com.br](http://radionovelo.com.br), você consegue ver material extra pra cada episódio e assinar nossa newsletter, que chega junto com cada episódio novo. Se você quiser sugerir uma história pra gente, o nosso e-mail é [apresenta@radionovelo.com.br](mailto:apresenta@radionovelo.com.br). Também dá pra marcar a gente nas redes, no arroba radionovelo. O Rádio Novelo Apresenta tem o apoio da Open Society Foundations.

Toda quinta-feira tem episódio novo. A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre. A gerência de criação é do Tiago Rogero, a executiva é da Marcela Casaca e a de produto e audiência é da Juliana Jaeger. Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta e a Bia Guimarães. As produtoras da nossa equipe são Bárbara Rubira, Gabriela Varela, Júlia Matos e Natália Silva. A checagem deste episódio foi feita pelo Gilberto Porcidonio. A montagem é da Mariana Leão. A Paula Scarpin fez o desenho de som. Neste episódio, a gente usou música original de Stela Nesrine, Amon Medrado e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound. O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela FêCris Vasconcellos e pela

Bia Ribeiro. O Eduardo Wolff é responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais, e o design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Obrigada, e até a semana que vem.